

Edição nº 16 | abril de 2015



REVISTA

Reabiru



UMA REVISTA COLABORATIVA SOBRE
CULTURA LATINO-AMERICANA

ISSN 2358-4831



EXPEDIENTE

EQUIPE: COORDENADOR DO PROJETO: MICHELE DACAS E RENAN XAVIER

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DÉBORA COTA

IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS

BOLSISTA: MAYARA GOMES

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO: ANITA DELVALLE

REVISÃO PORTUGUÊS: JACQUELINE COUTO

REVISÃO ESPANHOL: SILVANA MAMANI

APOIO:

GRUPO PET | CONEXÕES DE SABERES | UNILA
SECOM | SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

CURTADOC

COLABORADORES:

DANTO GIARDINA

ÉRICO MASSOLI

EUGÊNIO PASSOS

HELTON PREGUIÇA

INÊS AMARANTE

JOÃO PEDRO DE MELLO PORTO

LUCIANO D'MIGUEL

LUIS BERNARDO JUNIOR

LUÍSA D'AREZZO MAESTRELLI

MAURÍCIO DOS SANTOS

RENAN PINNA

ROMILDO MARQUES

SANDRA NARITA

TALITA AUGUSTA

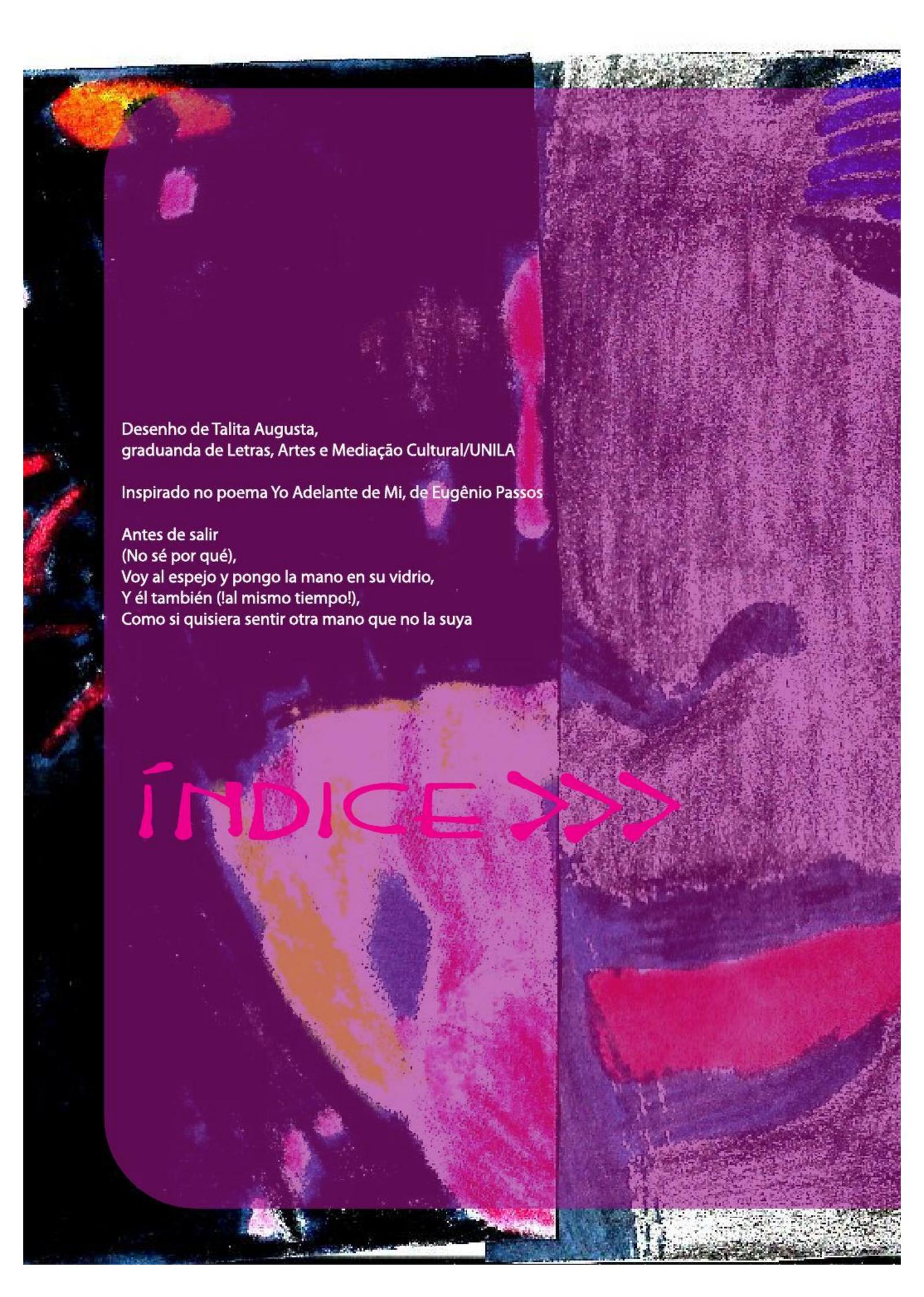
EDITORIAL

Cá en la frontera e lá en los montes os braços estão prontos para o *abrazo*. Neste momento triste e sublime da perda corpórea de Eduardo Galeano, ficam no ar as frases ditas e aquelas a ele impostas; torna-se sólido o direito ao delírio e ao sonho; lembra-se e evoca-se a história dxs vencidxs, dxs pobres, dxs latinxs e dxs loucxs - pelo menos uma vez! Galeano, como poucos, foi leve, levíssimo, com a dureza dos fatos e com a crueldade dos homens.

E é com esta leveza, e de bicicleta, que seguimos nesta edição, na *movida* dos pedais em Foz e em Medellín, na Colômbia. Na bagagem do peito e dos olhares, histórias que beiram o sur-real de indígenas que foram retirados à força de suas terras. E imagens belas, belíssimas, que poderiam ser de um passado distante, mas que são mais presentes que nunca. Por esse rumo, seguimos em meio ao trânsito das gentes, com uma pausa em Arequipa para conhecer Flora Tristán, incrível socialista e feminista francesa-peruana dos idos de 1800.

Segue você também pela América Latina em que acredita...

...UTOPIE-SE >>>>



Desenho de Talita Augusta,
graduanda de Letras, Artes e Mediação Cultural/UNILA

Inspirado no poema Yo Adelante de Mi, de Eugênio Passos

Antes de salir
(No sé por qué),
Voy al espejo y pongo la mano en su vidrio,
Y él también (¡al mismo tiempo!),
Como si quisiera sentir otra mano que no la suya

ÍNDICE >>>



6 DAS TERRAS SEM MALES AOS MALES SEM TERRAS

8 INOCENCIA Y TERNURA . CURTA-DOC

10 CICLO UNILA!

12 NAS TEKOHAS - PÔSTER

14 FLORA TRISTAN
E O FEMINISMO DE VANGUARDA

16 PONTE DA AMIZADE:
CULTURA, FLUXOS E MEMÓRIA

Das terras sem males aos males sem terras

Desde sempre os guarani são conhecidos por habitar todo o litoral da Mata Atlântica, com registros desde o estado do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, incluindo, ainda, o Mato Grosso do Sul, além de países como Argentina, Paraguai e Bolívia. Os guarani são o povo indígena mais numeroso do Brasil – eram 58 mil pessoas em 2012, segundo dados do Ministério da Saúde. Ainda assim, os guarani possuem poucas terras demarcadas e, muito menos, terras homologadas.

O território guarani no oeste do Paraná começou a ser ocupado por não índios a partir de 1902, quando a Cia. Mate Laranjeira começou a explorar a região para retirar madeira da vegetação nativa e realizar produção de erva-mate, usando, para isso, trabalho forçado dos indígenas. Anos depois, na década de 1920, posseiros expandiram a ocupação para o oeste do Paraná. O governo do estado passou, na década seguinte, a conceder para empresas as terras consideradas devolutas na região. Durante anos, os guarani foram obrigados, com o uso da violência, a saírem de suas terras. Nos anos 40, aconteceu um massacre na antiga Tekoha Guarani, local que hoje é o Parque Nacional do Iguaçu. Sobre esse episódio, Dona Narcisa, senhora guarani que viveu em Oco'y até a sua morte, nos contou que: “Eu e minha família assistimos escondidos. Eu vi, eu vi, mataram tudo! Abriam a barriga com facão e jogavam depois nas Cataratas (do Iguaçu)”. Nas repressões do Regime Civil Militar de 1964-1986, era comum o uso de caminhonetes fretadas por militares, para levarem vários guarani ao Paraguai, ameaçando-os de morte, caso quisessem voltar.

Mas foi em 1982, na região fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina, quando começou a funcionar a Usina Hidrelétrica de Itaipu

Binacional, do qual resultou no alagamento do Rio Paraná, que aconteceu o esbulho de dezenas de aldeias guaranis. Segundo o projeto original, a construção da Usina alagou cerca de 80 mil hectares somente do lado brasileiro. A paisagem que compunha a época integrava, além das Cataratas do Yguasú, as Sete Quedas - maior cachoeira do mundo em volume de água - e uma extensa área verde, com muitas espécies nativas e matérias-primas usadas para confecção de casas, artesanatos, armas para caça e alimentação. Um território concebido pelo povo guarani como Yvy Mara e'ỹ, a “Terra Sem Males”.



Reserva Oco'y

Por conta do alagamento, os guarani foram morar na Reserva Oco'y, em São Miguel do Iguçu. Com 251 hectares e inserida em parte de um dos ramais do lago de Itaipu, somente de 48 de 251 hectares da reserva estão disponíveis para o plantio das 165 famílias que vivem lá. A situação Oco'y é de pouca terra para plantar e para se povoar, tanto é, que no último ano aumentou o número de famílias que saíram do lugar para buscar em outras terras um espaço que seja suficiente para todos e que tenha as condições essenciais para o modo de vida guarani.

Aldeias Yvy Mara e'y

Muitas são as aldeias que, atualmente, sobrevivem no impasse pela demarcação de suas terras. Em

lugares como os municípios de Guaíra e Terra Roxa, que também foram afetados pelo alagamento do Rio Paraná, os guaranis precisam enfrentar, cotidianamente, variados tipos de preconceitos e constantes ataques de violências proferidas por parte da sociedade civil e de fazendeiros locais. É nessa fronteira com outros dois países, que a memória guarani se tece em sua cultura, assim como em seus artesanatos, tudo com muita paciência, força e luta. Os guarani contam com a ajuda dos espíritos e de Nhanderú (deus), para, assim, continuar a viver à sua maneira, esperando a demarcação de seu território para quem sabe, um dia, voltar a viver em uma terra sem males.

Por Renan Pinna
Fotos João Pedro de Melo Porto



INOCENCIA

Y

TERNURA

"La libertad empieza cuando uno elige su propia cárcel"
Pedro Antonio Cajías De La Vega

La libertad, la cárcel, la sociedad y la existencia humana son temáticas que recurren desde hace mucho tiempo en el mundo de la representación artística. Los seres humanos, en esa búsqueda de vernos proyectados, reincidimos conceptos "socialmente aceptados" y nos cuestionamos. Esta puede ser una de las mayores ventajas del arte y de la expresión.

La Chirola es un cortometraje realizado en 2008 por Diego Modaca. Realizador boliviano graduado de la Escuela de Cine Radio y TV de San Antonio de Los Baños – Cuba. Es una pieza que reúne, de manera certera, estos vaivenes de la filosofía y el arte. Las imágenes presentadas en contrastados tonos de grises, diseñan una perspectiva reflexiva sobre la visión de Pedro Antonio Cajías sobre sus experiencias durante y después de salir delestado más temido por la sociedad contemporánea. La cárcel. Narrando,

este mismo personaje, su punto de vista sobre la idea de estar preso en donde, por que o a que.

Comienza esta travesía fílmica mostrándonos una serie de imágenes de los alrededores de la casa de Pedro Cajías. Mientras él cuenta sobre sus primeras impresiones en la chirola (cárcel) la proyección lleva un cuestionamiento muy interesante, pues son imágenes abiertas, relatando un gran campo, con bosques y tonos mañaneros. Pedro nos dice que desde chico su familia le entrega el adjetivo de ser "de al revés" y con este diálogo nos encaja tanto la narrativa fílmica como el contenido de su charla con la cámara.

Pedro Cajías fue preso durante muchos años por ser guerrillero. Por perseguir un sueño altivo de libertad para él y su patria, Bolivia. Entonces dentro de la chirola, como mismo afirma, no tiene idea de lo que le espera, la incertidumbre es su única acompañante. Adentro pues de este lugar, nos cuenta con emoción un enorme cúmulo de sensaciones que vive adentro, adentro de sus historias. Su abogado, sus compañeros, los policías y la perrita, que en el momento

más duro de su estadía, le salva la vida, obligándolo a cuidar de ella, dándole esa ternura e inocencia que más adelante problematiza como una necesidad del ser actual.

Entonces, nos deparamos ante un relato de violencia y miseria en la prisión? No. Lo que busca el cortometraje *La Chirola*, es cuestionar, a través de Pedro Cajías, la sensación de libertad que tenemos, o que nos dan como especie de felicidad social. Claro, es extraño ver a un hombre adulto comenzar a hablar de las buenas experiencias que vivió adentro del presidio, es realmente una perspectiva "de al revés". Pues Cajías, narra que al salir de ese mundo, donde se encuentran paramilitares y guerrilleros, donde la lealtad es la única ley que garantiza la vida del otro, donde la espera del mundo exterior, de la burocracia legal, se vuelve distante y grosera al ser, Cajías se depara con una libertad que tiene que pagarse, con alquileres, comida, transporte, vestimenta (presentación) y demases. La aventura de nuestro ex guerrillero es adaptarse a la sociedad que lo dejó a parte de ella, siendo que salió de ahí, de la chirola, con el objetivo de pelear por sus hermanos que continúan siendo víctimas. Víctimas de un sistema penitenciario y legal atrasado, pagado al mejor postor, y pensado para sacar lo que no es "socialmente aceptable" y

aislarlo, sea económicamente o sea en la cárcel mismo. Es una constante en América Latina

Es muy interesante notar, que la palabra subjetiva de Cajías se hace notar no sólo por ella sola, por su discurso, si no por la mezcla del punto de vista del equipo realizador del cortometraje. Las imágenes sucedidas una detrás de otra, hacen un espacio adecuado para la reflexión de Cajías, siendo que respeta el hecho de ser un punto de vista personal, le da fuerza individual para salir y ser un discurso cinematográfico. Inclusive, otro aspecto de la vida de "al revés" de nuestro personaje es su necesidad particular de ser domesticado por sus perros. Estos son sus compañeros fieles, que no le critican, que le demandan atención y le entregan ternura, siendo que esta ternura e inocencia, son las cosas que Cajías afirma ser que faltan para suplir las necesidades sociales que el sistema mencionado descola, es su militancia consigo mismo. Ser domesticado por perros (yo diría más que aprendió a convivir de igual a igual) es lo que mantiene vivo a este señor, que escogió la cárcel de aislarse de la falta de inocencia del mundo.

Por Danto Giardina

curtaDOC

Assista ao filme no portal curtadoc.tv



O sustentável equilíbrio do ser... Sobre duas rodas

O projeto "CICLO UNILA – Integração Pela Mobilidade" é uma ação de extensão que envolve membros do corpo técnico-administrativo, docente e discente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que visa à apropriação do ambiente universitário como núcleo difusor de uma nova cultura voltada à mobilidade urbana de maneira mais saudável e sustentável, pautada no uso da bicicleta. Embora este meio de transporte não constitua a única resposta aos problemas ambientais e de circulação nas cidades, em especial Foz do Iguaçu, *Ciudad del Este* e *Puerto Iguazu*, o uso da bicicleta representa uma solução que se adapta perfeitamente a uma política geral de revalorização do espaço social urbano.

Dessa maneira, busca-se subsidiar mudanças culturais, bem como mapear e criar uma grande rede de informações entre os

propostas de melhoria para os planos diretores das cidades, bem como para a infraestrutura da Universidade. Em um primeiro momento, o CICLO UNILA já marcou presença na Semana de Recepção aos Calouros de 2015, no início do mês de março, com a realização de uma oficina, que também já tem outra edição confirmada para o mês de junho, durante as festividades do aniversário de 23 anos do Colégio Estadual Ayrton Senna. Além disso, em setembro, também conhecido como o mês da bicicleta, o projeto prevê a organização de uma programação bem diversificada, com ampla discussão das questões alusivas à ciclomobilidade, por meio de debates, exibição de vídeos, bicicletadas e publicações, entre outros.

"A vida é como andar de bicicleta.
Para ter equilíbrio, você tem que se manter
em movimento..." (Albert Einstein)

Por **Érico Massoli** | **Helton Preguiça** | **Luciano d'Miguel**
Membros da equipe **Ciclo Unila**

Foto: **Romildo Marques**.

Mais informações:

ciclounila.blogspot.com.br | fb.com/ciclounila | e-mail ciclounila@gmail.com



Cidade para todos

Possibilidades sustentáveis e horizontes mais humanos estão sendo discutidos em vários países. A Colômbia por exemplo – anfitriã do Fórum Mundial da Bicicleta – apresentou as mudanças, com construção de ciclorutas, projetos de reestruturação da malha urbana e incentivo ao uso da bicicleta no caminho casa-escola, percorrido pelas crianças na cidade de Medellín. Em diversos países da América Latina a constatação ainda é de desrespeito à cultura dos ciclistas. Mas também acredita-se no poder das ações coletivas, que pedem mais respeito e atenção a essa outra possibilidade de mover-se nas cidades. Afinal, é outra forma de ver e de sentir a urbes. É o lado humano, sensível à realidade, que está em discussão. Pensar coletivamente em alternativas não-motorizadas e não poluentes (na bici, a energia é humana!), menos agressiva ao ecossistema e com menos poluição sonora. Claro, mais democrática.

Sim, a cidade é de todos!

Nas tekohas (aldeias) do oeste paranaense, os avá-guarani continuam a resistir. Mais do que uma saga pelas suas vidas, é uma saga de resistência por seus modos de vidas. Nesse lugar de fronteiras que parece ser de todos, são poucos aqueles que conseguem continuar com a autonomia de viverem em seus próprios lugares.

Como disse Soares: "é preciso lutar nós, guarani, vamos o último índio vivo". guarani, a terra é Tekohá (lugar onde nosso jeito), não há guarani.

Estudante
Foto:



o guarani Ilson
tar para viver e
os lutar até o
Porque, para os
sagrada e sem
se pode viver do
tekó (modo de ser)

Texto Renan Pinna
de antropologia | UNILA
João Pedro de Melo Porto

FLORA TRISTAN E O FEMINISMO DE VANGUARDA

*"O homem mais oprimido pode oprimir um ser que é a sua mulher.
Ela é a proletária do próprio proletário"*

Neste mês dedicado às mulheres, nada me parece mais adequado do que lembrar o vanguardismo de Flora Tristan, escritora franco-peruana que fez parte da história do feminismo e da luta operária em seus 41 breves anos de vida, militância e obra.

A primeira vez que ouvi falar nela, apresentada como uma pioneira dos movimentos socialista e feminista francês do século XIX, interessei-me imediatamente pela viajante que foi, sobretudo se pensarmos nas dificuldades de deslocamento naquela época.

Nascida em Paris em 1803, era filha de um militar da aristocracia espanhola da família Tristan Moscoso, oriundo do Peru e uma mãe burguesa refugiada na Espanha após a Revolução Francesa. O pai, amigo de Simón Bolívar, faleceu deixando a família no abandono social, pois não efetivara sua união civil.

Flora teve que trabalhar muito cedo e casou-se aos 18 anos com o patrão, que revelou-se um marido possessivo e violento, a quem as leis favoreciam.

Separou-se dele grávida da filha Aline e enfrentou necessidades e preconceitos.

Entre 1833 e 1834, ela decide viajar ao Peru em busca da família paterna e esta viagem vai transformar sua vida. Ao partir, pária em fuga; ao voltar, escritora e militante pela condição feminina e os direitos dos trabalhadores franceses. Esta história de transformações ela conta em seu livro "Peregrinações de uma pária", única de suas obras traduzida para o português.

Durante a viagem à América Latina, ela capta o sofrimento além do seu: na vida rude dos marinheiros, no olhar dos seres dominados pela escravidão, nas vítimas da guerra, no coração das mulheres que, na outra extremidade do mundo, também eram submissas a um casamento e às convenções de uma sociedade patriarcal que as oprimia. Testemunha da miséria

humana, entra em comunhão com outros sofredores. Sentindo suas penas, tentará buscar as causas e tomará consciência de que as injustiças que lhes são impostas são o resultado da violência da sociedade baseada no lucro.

Na França republicana, por toda a parte havia um confronto de ideologias, a revolta inscrevia-se numa busca romântica pela igualdade pessoal e coletiva. Os filósofos e os sonhadores utópicos como Saint-Simon, Fourier, Considérant e outros tentavam traduzir a realidade social através de soluções cósmicas que vinculavam a diversidade e a unidade, a transformação e a continuidade.

O empobrecimento da população era uma nova realidade, fruto do crescimento demográfico e o aumento da massa operária. Após 1830, apreensões sociais de toda ordem começaram a fazer parte das preocupações gerais e os protestos dos trabalhadores eram violentamente reprimidos. No entanto, se os idealistas queriam conscientemente uma mudança social, os prejuízos da Revolução Industrial vinham opor-se a estes ideais.

É nesta efervescência que Flora Tristan busca contato com aqueles que atribuíam à mulher um papel redentor e que, por seus pensamentos e ações, lhe parecem susceptíveis de trazer uma solução aos problemas sociais. Aos poucos, revela ao público francês as impressões de viagem e a condição das mulheres, posiciona-se politicamente sobre o divórcio e a abolição da pena de morte, nunca deixando de idealizar uma transformação social e traduzir a palavra dos que não tinham voz. A escrita foi para ela a arma a favor de todos os que sofriam as misérias que ela havia conhecido e da qual escapara - e não é surpreendente que a defesa da causa feminina tenha sido seu primeiro campo de predileção,





para posteriormente, ampliar o espectro de suas ações aos operários: “a classe operária tem o direito de existir como tal e os outros devem respeitá-la [...] a emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores” (TRISTAN, 1844).

Passou o resto de sua vida a expandir as relações com outros escritores que defendiam essa causa e a divulgar aos trabalhadores reflexões sobre sua própria condição, o que Marx só faria anos depois. Manteve uma extensa correspondência com filósofos que tentavam restabelecer o “compagnonage”, associação operária de solidariedade. Escreveu relatórios, artigos e obras até a publicação de seu livro “União Operária”, em 1843, no qual resume sua concepção da unidade dos trabalhadores. Em 1844, visita pessoalmente os círculos corporativos de inúmeras regiões francesas, atando laços, imbuída do espírito de “mulher-messias” no que chamaria “Tour de France”, até a morte cruzar seu destino.

Na carta “A los Peruanos” na qual apresenta suas “Peregrinações...”, deixa uma mensagem mais do que atual sobre a educação:

El embrutecimiento de un pueblo hace nacer la inmoralidad en las clases altas y esta inmoralidad se propaga y llega con toda la potencia adquirida durante su carrera, a los últimos peldaños de la jerarquía social. Cuando la totalidad de los individuos sepa leer y escribir, cuando los periódicos penetren hasta la choza del indio, entonces, encontrando en el pueblo jueces cuya censura habréis de temer y cuyos sufragios debéis buscar, adquiriréis las virtudes que os faltan”.

Em reconhecimento a seu pioneirismo, disse um dia André Breton: “Talvez não exista um destino feminino como o de Flora Tristan, que, no firmamento do espírito, tenha deixado um sulco tão longo e luminoso”.

Texto: Inês Amarante
Fotos: Maurício Dos Santos



Ponte da Amizade: Cultura, fluxos e memória

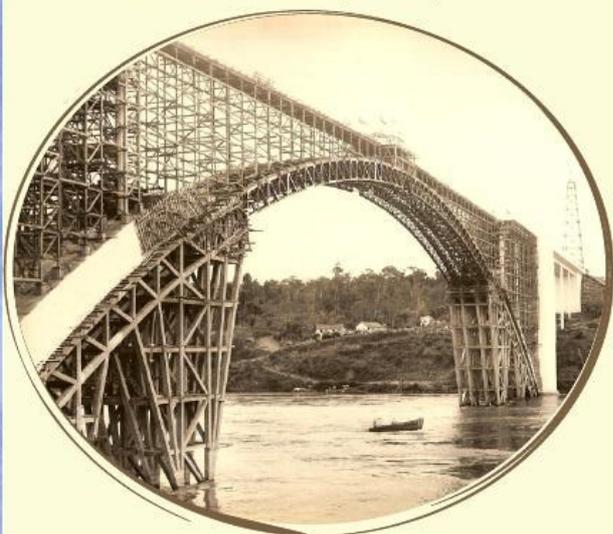
“Colosso de concreto, orgulho da engenharia brasileira... Material e mão de obra do Brasil, sob direção de engenheiros brasileiros, resultaram nesse verdadeiro monumento, que é um marco ao unir duas nações vizinhas e inspirar a amizade entre os povos latino-americanos.” Essa foi a declaração do presidente Castelo Branco, ao inaugurar a Ponte Internacional da Amizade com o então presidente paraguaio Alfredo Stroessner. Assim, iniciou-se, em 1965, um grande passo para a aproximação entre os dois países, através do desenvolvimento de um fortíssimo comércio exportador, que fez surgir um dos maiores centros urbanos do Paraguai, a Ciudad del Este.

Naquele momento, surgia sob um mesmo rio, o Paraná, uma ponte que interligava duas cidades, dois povos e tomava forma através dos olhares e do testemunho de mulheres e crianças, tangentes ao círculo de autoridades políticas, empresariais e diplomáticas que orquestravam o marco do progresso e a internacionalização da região. Estreitar as relações econômicas e, também, abrir caminho para os países

da América Latina estavam entre os objetivos da construção que geraria o maior ponto de fluxos fronteiriços do Brasil. Mas, além desses motivos, reza a memória que, pela época do período da ditadura em que mais um obra se constituía, a construção da ponte era, também, uma estratégia militar face a um possível risco de guerra na América Latina.

O regime ditatorial investiu em um modelo desenvolvimentista, que buscava a soberania do Brasil por meio de empresas estatais e obras públicas gigantescas nas áreas de transporte, energia e estratégia militar. Essas grandes construções foram apelidadas pela imprensa da época de “obras faraônicas”, que correspondiam aos anseios da burguesia industrial nos países capitalistas desenvolvidos. Esse imperialismo político e econômico imposto nos países da América Latina fez sucumbir as massas populares em função dos benefícios da industrialização.

Mas a história prossegue. Iria estender-se um arco de notórias transformações econômicas, políticas e culturais na região. E simplificadas ao extremo: desde o início do século XX, os estados liberais locais são sucedidos por governos intervencionistas de variada filiação ideológica. Nas décadas seguintes, a marcha ao leste do Paraguai (com a subsequente expansão da fronteira agrícola e a construção da Ponte da Amizade) iria tornar-se, ocasionalmente, a marcha ao oeste do Brasil.





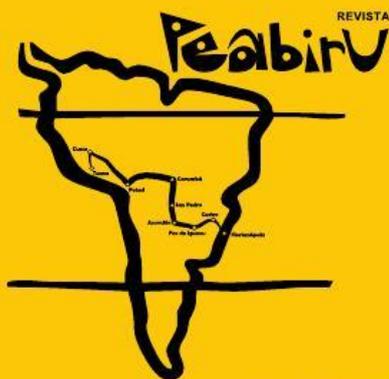
O que ninguém previa, há tempos, é que a ponte, uma construção estática de proporções superadoras (43 mil metros cúbicos de concreto, 14 mil toneladas de cimento, quase três mil toneladas de aço e cerca de mil operários), seria um espaço de fluxo e de intenso movimento. Assim, além de um local de passagem para a troca comercial e para o consumo, a ponte seria um espaço intercultural, de circulação de diferentes idiomas, sabores, sonoridades e vidas. Muito menos Castelo Branco diria, em sua idealização, que assim seria o fluxo daquela construção e que aquelas mulheres de outrora, que assistiam à inauguração da ponte, seriam hoje mulheres passantes, protagonistas da travessia. Cerca de 50 anos depois, alheias a toda idealização daquele momento, as mulheres das indas e vindas de hoje transitam pela ponte as suas histórias como muambeiras, consumidoras, comerciantes, estudantes, turistas, brasiguaias... Trabalhadoras.

Então, pra que era a ponte? Pra quem é a ponte? Quem somos nós na ponte? Essas, talvez, sejam questões que irão mudar a cada movimento, em cada contexto, enquanto persistir o concreto rígido que atravessa a própria história,

das cidades e dos povos que a costeiam. Há quem diga que outras pontes devem vir, para amenizar ou aumentar o fluxo, que hoje, ao contrário de sua origem, assola a transição. Em todo caso, o objetivo da construção da ponte parece, ainda, não servir à integração entre brasileiros e paraguaios.

Então, nos perguntamos novamente: Onde estão as mulheres de 27 de março de 1965? Serão ainda as mesmas mulheres que há 50 anos estiveram vislumbrando a grandeza da forma arquitetônica de uma obra? Ou serão estas de hoje, cuja vida e cultura passam pela ponte? Que estruturas as esperam além da ponte, nas cidades que as recebem, todos os dias, transeuntes, itinerantes da fronteira? Onde elas estarão nas pontes que virão, quais travessias seguirão as histórias dessas gentes, para justificar as obras e engenhos do cimento e objetivos comerciais? Somos brasileiros e paraguaios e sentimos a necessidade da integração nos lados da ponte, para todos que a cercam e desaparecem na imposição oficial da história, sobre a qual Eduardo Galeano diz assim: "O mapa mente. A geografia tradicional rouba o espaço, tal como a economia imperial rouba a riqueza. A história oficial rouba a memória e a cultura formal rouba a palavra." Nesse sentido, a Ponte Internacional da Amizade fez-se mapa, fez-se passagem em nosso espaço; gerou fluxos do que gostamos e negamos; se estabeleceu simbolicamente; convergiu e divergiu culturas; constituiu-se em história. A nossa história traduzida para além do concreto, por um vínculo territorial entre o Brasil e o Paraguai, por quem por ali passa: as mulheres muambeiras, taxistas, consumidoras, comerciantes, estudantes, turistas, brasiguaias, trabalhadoras...

Por Luísa D'Arezzo Maestrelli e Michele Dacas
Imagens: Luís Bernardo Souza e Arquivo Foz City Tour
Fontes: Click Foz e H2Foz



O PROJETO

A Revista Peabiru é um projeto de extensão da UNILA que conta com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da universidade e da comunidade. O projeto surgiu com a ideia de produzir

uma revista colaborativa para dialogar com o contexto latino-americano e da Fronteira Trinacional (Foz do Iguaçu, Argentina e Paraguai). A revista tem o objetivo de contribuir para a integração das diferentes culturas manifestadas pela pluralidade de vozes que ecoam através dos territórios e das gentes da América Latina.

CONTATO:

revista.peabiru@gmail.com

unila.edu.br/revistapeabiru



ISSN 2358-4831

